
Sorte do ímpio, azar do justo: uma breve nota sobre *miqreh* em Eclesiastes 2:14 e o conceito de morte em Eclesiastes

JONATAS DE MATTOS LEAL¹

Introdução

Entre os textos que têm inquietado a muitos estudantes do livro de Eclesiastes está Eclesiastes 2:14, onde se lê: “O sábio tem os olhos abertos, o insensato caminha nas trevas. Porém compreendi que ambos terão a mesma sorte” (BJ²). O propósito do presente trabalho é esclarecer o significado da palavra hebraica *miqreh* (sorte) no verso acima citado e seu relacionamento com o conceito de morte no livro de Eclesiastes e no Antigo Testamento como um todo, em particular nos livros da tradição sapiencial já que esses abordam o assunto.

Palavras-chave: Eclesiastes; *miqreh*; sorte.

Among the texts that have troubled many students of the book of Eclesiastes is Eclesiastes 2:14, where it reads: “The wise man has his eyes open, the fool walks in darkness. But I understand that both will have the same fate”. The purpose of this paper is to clarify the meaning of the Hebrew word *miqreh* (luck) in the above-mentioned verse and its relationship to the concept of death in the book of Eclesiastes and in the Old Testament as a whole, particularly in the books of the wisdom tradition.

Keywords: Eclesiastes; *miqreh*; luck.

.....

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Teologia pelo Seminário Adventista Latino Americano de Teologia. Graduado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino Americano de Teologia. E-mail: leal.jonatas@gmail.com.

² As citações bíblicas em língua portuguesa foram extraídas da Bíblia de Jerusalém (BJ) e da Almeida Revista e Atualizada (ARA). Quando nenhuma versão é indicada, a citação é fruto da tradução do autor desse artigo.

A leitura isolada e apressada do texto pode levar a um entendimento equivocado do argumento de Qohelet³: se *miqreh* diz respeito à recompensa final comum aos ímpios e justos ou sábios e tolos, os que defendem um existencialismo de Qohelet teriam suas convicções confirmadas; a vida pautada pela sabedoria e temor do Senhor não teria sentido algum. Nesse prisma, Qohelet é um pessimista que defende uma vida nihilista e negativa da vida. Porém, como harmonizar um destino comum de sábios entre tolos, e o convite que Qohelet faz a uma vida significativa pela qual “daremos conta a Deus” (Ec 11:9)?

Para essa discussão a seguinte metodologia é sugerida. Em primeiro lugar, será analisado o significado de *miqreh* no contexto da passagem, do livro e seu uso fora de Eclesiastes. Logo após, se examinará a relação que o termo estabelece com o que pode se chamar o “epicentro” do argumento de Qohelet no livro. Por fim, se observará como o conceito de morte de Eclesiastes interage com o restante da tradição veterotestamentária e de que forma impacta a apologia à vida feita pelo livro considerado por alguns o mais mal-humorado da Bíblia (KIVITZ, 2009).

O significado de *miqreh*

A palavra *miqreh* vem da raiz verbal *qrh* que pode significar no tronco Qal “acontecer, sobrevir” (HOLLADAY, 2010, p. 461) ou “encontrar, suceder, atingir” (KIRST et al., 2011). Ao que tudo em dica o substantivo com “mem” prefixal denota as consequências do sentido da raiz nesse tronco verbal (HARRIS et al., 1998, p. 1371-1372). O uso do substantivo no AT confirma essa afirmação, já que geralmente designa “o que acontece por si mesmo, sem a vontade do autor preocupado ou de alguém conhecido” (KRÜGER, 2004, p. 68). Assim, *miqreh* pode ser entendido como algo “inesperado e não planejado” (KRÜGER, 2004, p. 68). Esse acontecimento vai desde algo trivial como um encontro inesperado entre duas pessoas até uma fatalidade, como a morte de alguém, por exemplo. Em síntese, *miqreh* denota um “evento que está além do controle daqueles que o experimentam” (GRISANTE, 1997, p. 984), embora não signifique que tal evento esteja fora do controle divino. Pelo contrário, Deus pode

.....

³ Sem levar em consideração a discussão quase infundável sobre a autoria de Eclesiastes, Qohelet é o termo que se usa aqui para se referir ao autor do livro de Eclesiastes, como faz a maioria dos autores que escrevem sobre Eclesiastes. O termo é oriundo a própria obra onde o autor recebe esse título, e geralmente é traduzido como “pregador” pelas versões portuguesas. No entanto, a palavra é um particípio Qal ativo feminino singular do verbo *qhl* que significa “reunir”. O significado do termo no contexto de Eclesiastes também é muito debatido.



em certo momento até usá-lo para cumprir seus propósitos como no caso de Rute 2:3 onde “acidentalmente” ocorre o encontro entre Rute e Boaz.

A palavra *miqreh* ocorre três vezes fora de Eclesiastes (Rt 2:3; 1Sm 6:9; 20:26) e sete vezes nele (Ec 2:14; 3:19-3x; 9:2,3). O contexto de cada passagem pode ajudar a elucidar o uso no texto proposto para esse estudo.

Começando com as ocorrências fora de Eclesiastes, em Rute 2:3 (Bíblia Hebraica Stuttgartensia)⁴ o termo *miqreh* aparece com força adverbial (casualmente, por causalidade) para demonstrar a natureza acidental do encontro de Rute e Boaz no seu campo. Ela não havia planejado e é possível que nem conhecesse a Boaz. Assim, no momento tal evento não passava de puro acaso, mesmo que no futuro se revelasse como providência divina.

Em 1 Samuel 6:9 (Bíblia Hebraica Stuttgartensia)⁵ *miqreh* pode ser bem traduzido como o substantivo “acaso”. Os filisteus procuravam um sinal para saber se as pragas que os castigavam eram devido à intervenção do Deus de Israel ou simplesmente por “acaso” (*miqreh*). Por sua vez, em 1 Samuel 20:26 (Bíblia Hebraica Stuttgartensia)⁶ Saul, não sabendo que Jonatas já havia alertado a Davi das más intenções de Saul de tirar-lhe a vida, pensa que algum *miqreh*, ou seja, algum acontecimento não planejado impedia Davi de estar presente no banquete. Aqui também o substantivo funciona com força adverbial.

Em todas as ocorrências pode-se notar a natureza acidental e não planejada de *miqreh*. Vale salientar que “a palavra hebraica não possui qualquer tom sinistro” (EATON; CARR, 1989, p. 76) por si. Sendo assim, pode denotar um acontecimento positivo ou negativo. É interessante notar também que nas três ocorrências o substantivo trabalha adverbialmente. O mesmo não ocorre no livro de Eclesiastes.

.....

⁴ Andando ela, entrou num campo e se reuniu com os outros segadores. E por acaso se encontrou na parte que pertencia a Boaz que era da família de Elimeleque.

וַחֲלַף וַחֲבוּא וַחֲלַקֵּט בְּשָׂדֵה אַחֲרֵי הַקְּצִירִים וַיִּקַּר מִקְרֵהָ
חֲלַקֵּת הַשָּׂדֶה לְבָעֵז אֲשֶׁר מִמִּשְׁפַּחַת אֱלִימֶלֶךְ׃

⁵ Vede: se subir pelo caminho de Bete-Semes, foi ele que nos fez este grande mal, e se não, então saberemos que não foi a sua mão que nos feriu, foi por acaso que ocorreu isso a nós.

וְרֵאִיתֶם אִם-יִרְדֹּף נְבוּלוּ יַעֲלֶה בֵּית שָׁמֶשׁ הוּא עֲשֵׂה לָנוּ
אֶת-הַרְעָה הַגְּדוֹלָה הַזֹּאת וְאִם-לֹא יִדְעֶנּוּ כִּי לֹא יָדוּ נִלְעָה
בְּנוּ מִקְרֵה הוּא הִיָּה לָנוּ׃

⁶ Mas Saul não disse coisa alguma naquele dia, pois dizia para si mesmo: por acaso não deve estar puro de modo que esteja contaminado.

וְלֹא-דִבֶּר שְׂאוּל מֵאוֹמְתוֹ בַּיּוֹם הַהוּא כִּי אָמַר מִקְרֵה הוּא
בִּלְתִּי טָהוֹר הוּא כִּי-לֹא טָהוֹר׃



Qohelet vai conferir à palavra um uso peculiar. Para ele, *miqreh* é a sorte/destino que toda a humanidade deve enfrentar, seja sábios ou tolos, animais ou homens, bons ou maus. O contexto claramente aponta a morte como este acontecimento comum a todos os seres do mundo natural. Na verdade, para Qohelet, “a morte é o grande equalizador” (MURPHY, 1989, p. 22). Tendo em vista sua pertinência, as ocorrências do termo no livro estão elencadas abaixo.

Em Eclesiastes 3:19 (Bíblia Hebraica Stuttgartensia)⁷ lê-se:

porque a sorte (*miqreh*) dos filhos dos homens e a sorte (*miqreh*) dos animais, ambas as sortes (*miqreh*) são iguais para eles, como morre um assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e não há vantagem dos homens sobre os animais. Verdadeiramente tudo é vaidade!

Como a segunda parte do verso explica, a morte é a sorte ou destino final (*miqreh*) comum entre homens e animais. Ambos enfrentam seu último momento. Nota-se que em suas reflexões Qohelet demonstra uma visão aniquilacionista sobre o estado do homem na morte onde ele mesmo não possui qualquer vantagem sobre os animais. Assim, *miqreh* aqui se refere à realidade inevitável e inesperada da morte.

Em Eclesiastes 9:2-3 (Bíblia Hebraica Stuttgartensia)⁸, Qohelet declara:

tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto ao que sacrifica como ao que não sacrifica; ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento. Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos.

.....

⁷ כִּי מִקְרָה בְּנִי-הָאָדָם וּמִקְרָה הַבְּהֵמָה וּמִקְרָה אֶחָד לָהֶם כְּמוֹת זֶה בֶּן מוֹת זֶה יוֹרֵחַ אֶחָד לְכֹל וּמוֹתֵר הָאָדָם מִן-הַבְּהֵמָה אֵין כִּי הַכֹּל הֵבֵל¹

² הַכֹּל כְּאִשֶׁר לְכֹל מִקְרָה אֶחָד לְצַדִּיק וְלָרָשָׁע לְטוֹב וְלָטָהוֹר וְלָטָמֵא וְלָזָבֵחַ וְלָאִשֶׁר אֵינְנוּ זִבְחָ כְּטוֹב כְּחָטָא הַנִּשְׁבָּע כְּאִשֶׁר שְׂבוּעָה יֵרָא²

³ זֶה רָע בְּכֹל אֲשֶׁר-נַעֲשֶׂה תַחַת הַשָּׁמַיִם כִּי-מִקְרָה אֶחָד לְכֹל וְגַם לֵב בְּנִי-הָאָדָם מִלֹּא-רָע וְהוֹלֵלוֹת בַּלְבָבָם בְּתוֹיָהֶם וְאֶחָדוּ אֶל-הַמֵּתִים³



Aqui novamente Qohelet mostra um fim comum a dois grupos antagonicamente polarizados. Em vez de homens e animais, agora justo e ímpio, bom e mau e assim por diante. Há um momento que une todos, independente de suas obras ou realizações durante a vida. Este acontecimento fica evidente no verso 3b que diz: *depois se vão aos mortos*. Enfim, a morte é a sorte/destino (*miqreh*) comum a animais e seres humanos, quer sejam bons ou maus, quer sejam sábios ou tolos.

Finalmente em Eclesiastes 2:14⁹ (Bíblia Hebraica Stuttgartensia) (vê-se uma comparação muito parecida com 9:2,3, onde dois polos, o sábio e o tolo estão em perspectiva. No verso 13, 14a Qohelet demonstra a superioridade do sábio sobre o tolo dizendo: “então eu vi que há mais vantagem na sabedoria do que na tolice, como há mais vantagem na luz do que nas trevas; o sábio tem os seus olhos na cabeça, mas o tolo anda nas trevas”. Durante a vida as vantagens dos sábios são evidentes e o contraste entre ambos é notório. Porém, a partir do verso 14b uma nova ideia é introduzida: “contudo, entendi que a mesma sorte (*miqreh*) encontrará a ambos”. Qohelet percebe que embora o sábio tenha vantagem sobre o tolo, no fim os dois enfrentam o mesmo acontecimento (*miqreh*). Ele completa: “Como acontece ao estulto, assim me sucederá a mim” (Ec 2:15). Há um momento em que as vantagens terminam. Que momento poderia ser este? O próprio texto responde: “E como morre o sábio, assim morre o estulto!” (Ec 2:16). E exatamente isso o levava a repetir o refrão do livro: Tudo é vaidade!

Deste modo, para Qohelet “a inevitabilidade da morte torna inútil a busca de sabedoria” (EATON, CARR, 1989, p.77). Junto com ela (2:12), a alegria (2:2) e o trabalho (2:11) são inúteis em face do *miqreh* comum a todos os seres humanos. Comentando sobre estes versos Rashi sintetiza muito bem a intenção de Qohelet dizendo: “embora eu louve a superioridade do sábio sobre o tolo não posso deixar de observar o fato de que ambos têm o mesmo destino neste mundo” (WASSERMAN, 1998, p. 16). Assim, Qohelet lamenta sua mortalidade porque a despeito de sua sabedoria superior ele seria esquecido do mesmo modo que um mero tolo (WHYBRAY, 1989, p. 58-59). Ele refletia sobre um fato inevitável: a sabedoria é inútil como remédio para o problema último da vida: a morte (EATON; CARR, 1989, p.76).

Como se vê, em Eclesiastes 3 e 9 *miqreh* se refere especificamente à morte. Na morte, sábio e tolo se encontram. A versão grega Septuaginta sugere possivelmente esta ideia ao traduzir o termo *miqreh* (acontecimento, sorte) em Eclesiastes 2:14 como “encontro” (*synante4ma*). A despeito de qualquer realização durante a vida, a morte

.....

החכם עיניו בראשו והקטיל בחשך הולך וידעתי גב-אני⁹
שמקרה אחד יקרה את-כלם

nivela homens e animais, justos e injustos, sábios e tolos. Assim, as ocorrências de *miqreh* em Eclesiastes podem ser resumidas no seguinte quadro:

	sábio — tolo (2:13-16)
miqreh (sorte/destino/acontecimento) comum a:	homem — animal (3:19)
	bom — mal (9:2,3)

A discussão acima apresentada sobre o significado de *miqreh* em Eclesiastes 2:14 leva inevitavelmente ao “epicentro” do argumento do livro como um todo que resulta no frequente refrão: tudo é vaidade! Ao que parece, essa concepção de Eclesiastes sobre a morte leva-o a crise existencial que motiva a obra por inteiro. Por isso, será interessantes analisar mais detidamente o conceito de Qohelet sobre a morte bem como sua relação com a tradição veterotestamentária e o lugar que a morte, como destino (*miqreh*) comum a todos no mundo natural, desempenha na estratégia literária e conceitual do autor.

162

Conceito de morte no AT e no livro de Eclesiastes

Para entender o conceito de morte no Antigo Testamento é importante entender primeiro sua compreensão sobre a vida. De acordo com Gênesis 2:7 a vida é composta por dois elementos: (1) o pó da terra ((*a4pa4r min ha4*)*a6da4ma*=) que marca a materialidade do corpo e sua íntima ligação com o ambiente em que está inserido; e (2) o folego de vida (*nis*]mat *h9ayy*]=*m*) que também é chamado em outros lugares de “espírito” (*ru=ah9*) (Gn 6:17; Ec 3:19,2; Lm 4:20; Jr 51:17), a saber, o *animus* divino que torna a vida possível. A união desses dois elementos forma a “alma vivente” (*nepes*] *h9ayya*=). A vida é interrompida quando essa união é quebrada. Essa “fórmula para a vida humana, claramente expressa ao longo da Bíblia, leva a uma concepção holística da natureza humana” (ANDREASEN, 2011, p. 356). Assim, o modelo dualista para interpretar a vida e a realidade com a ideia de uma alma separada do corpo “nada tem a ver com a revelação bíblica” (BLANK, 2004, p. 78). No pensamento bíblico o homem não tem um corpo, o homem é um corpo. Isso fica evidente no uso da palavra “alma” (*nepes*] no AT como sinonimo de uma pessoa viva (Ex 12:4; Nm 9:13; Lv 17:12; Sl 22:21). A tradição profética oferece um interessante exemplo disso ao afirmar que a “alma que pecar essa morrerá” (Ez 18:4,20, ver. Jó 33:22) Portanto, “quando a Bíblia fala da alma, nunca quer designar com esta palavra um princípio espiritual autonomo que poderia ser separado do corpo” (BLANK, 2004, p. 88). Da mesma forma, as



palavras “espírito” (*ru=ah9*) e “carne” (*ba4s8ar*) “sempre designam o homem inteiro sob determinado aspecto” (BLANK, 2004, p. 83).

Deste modo, a interrupção da ligação entre os dois elementos constituintes da vida marca o seu fim. Essa visão aparece bem nitidamente na descrição poética que Qohelet faz da morte quando “*o pó volta à terra e o espírito volta à Deus que o deu*” (12:7); retornando assim cada elemento para sua fonte original.

O conceito de morte no Antigo Testamento está latente na maioria dos livros, mas muito claro na seção poética da Bíblia Hebraica. A palavra morte e seus derivados aparecem aproximadamente mil vezes no AT. O vocabulário da morte não é extenso restringindo-se basicamente à duas palavras: o verbo “morrer” (*mwt*) e o substantivo “morte” (*ma4wet*) (ver ANDREASEN, 2011, p. 354).¹⁰ A partir de uma análise do uso do termo “por todo o Antigo Testamento, as palavras para morte apontam para um sentido único: o completo término da vida, de suas expressões e funções” (ANDREASEN, 2011, p. 354). Como destaca Bacchiocchi (2007, p. 129), fica claro que “um estudo das palavras ‘morrer’, ‘morte’ e ‘morto’ no grego e hebraico revela que a morte é percebida na Bíblia como privação ou cessação da vida”.

Tendo em vista o contexto veterotestamentário em geral pode-se concluir que na morte não há lembrança do Senhor (Sl 6:5; 146:4; Ec 9:5), nem louvor (Sl 30:9; 115:17) ou consciência alguma (Sl 13:3). Essa concepção levou a uma das metáforas mais frequentes na Bíblia para a morte, a saber, a metáfora do sono (Gn 28:11; Dt 31:16; 2Sm 7:12; 1Re 2:10; Jó 7:21). Nele o indivíduo está em estado de inconsciência total, sem mais qualquer de suas capacidades cognitivas ou físicas ativas.

O termo hebraico para o lugar dos mortos no AT é *s/leo=l*. A palavra ocorre 65 vezes no AT e é traduzida variamente como “sepultamento”, “inferno”, “abismo” ou “morte”, o que se torna mais difícil para o leitor discernir o significado básico da palavra (BACCHIOCCHI, 2007, p. 147). Bacchiocchi (2007, p. 161) conclui:

Nosso estudo da palavra hebraica para “o reino dos mortos-sheol” mostra que nenhum dos textos que examinamos sugere que sheol seja o lugar de punição dos perdidos (inferno) ou um lugar de existência consciente para as almas ou os espíritos dos mortos. O reino dos mortos é um lugar de inconsciência, inatividade e sono que prossegue até o dia da ressurreição.

Evidentemente embora incipiente e pouco frequente, a ideia de uma vida pós-morte não é totalmente estranha ao pensamento do Antigo Testamento. Porém, os

.....

¹⁰ O vocabulário para o ato de matar é muito mais amplo.



mortos devem esperar o dia escatológico do Senhor para despertarem de seu descanso ou sono quando “muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão” (Dn 12:2, ver Is 26: 19; Os 13:14) (ver ABRAMOVITCH, 2009, p. 131).¹¹

O conceito de morte extraído do AT se relaciona harmoniosamente com aquele retirado do livro de Eclesiastes. Para Qohelet, a morte é um descanso (4: 1,2), é a aniquilação da consciência (9:5,6), possui caráter universal, inescapável (9:3) e inesperado (8:8). Na morte Qohelet percebe uma injustiça equalizadora (2: 13-16; 3:19; 9:2,3) que nivela todos os seres vivos, incluindo animais e humanos. Para ele, “a morte apaga alguns dos aspectos fundamentais do que significa ser humano: corpo, conhecimento, memória e emoções” (RINDGE, 2011, p. 275).

E, ao que parece, é exatamente essa concepção de morte que desencadeia a crise existencial que gera o “estopim” literário de Eclesiastes. Para ele a vida não tem sentido, pois debaixo do sol todos compartilham dessa mesma sorte (*miqreh*). Isso o leva a indagar frequentemente “qual é a vantagem” (Ec 1:3; 3:9; 5: 16; 6:8). A morte acaba com todas as realizações, conquistas e sucesso do sábio. Porém, como se verá a seguir, tal visão da realidade não é criada para propiciar um pessimismo por si. Ela possui um objetivo claro. Quando analisado mais de perto, o aparente pessimismo do autor funciona como uma estratégia literária e conceitual para uma defesa consistente da vida.

164

A morte como ímpeto para a vida

O foco de Qohelet não está na morte. Aqui ela funciona simplesmente como estratégia para a vida. Ele está interessado na vida (7:7; 9:4). Não está interessado no pós-morte, embora vagamente deixe vestígios de sua existência por sua obra (Ec 1:3; 8:12; 12:7,14). Aliás, essa é uma das características da literatura sapiencial do Antigo Oriente Próximo, inclusive em Israel (ver RAD, 1972; CLIFFORD, 1998; OSBORNE, 2009). Segundo Smith “sabedoria era em realidade uma busca pelo conhecimento da natureza e do significado da vida” (SMITH, 1992, p. 2). Deste modo, sabedoria é ter a vida na perspectiva correta. E isso parece estar alinhado ao propósito do livro de Eclesiastes.

.....

¹¹ Ainda hoje as atitudes judaicas para com a morte são paradoxais. Por um lado, há uma profunda aceitação do fato da mortalidade: a morte como parte de um processo natural marca o fim inevitável da vida neste mundo e é o destino comum de todas as criaturas de Deus. Por outro lado, a morte é vista como punição pelo pecado, como expresso na frase rabínica “não há morte sem pecado”. E nem todas as linhas de pensamento rabínico são confortáveis quando deliberam sobre a esperança de uma vida após a morte.



É muito interessante que segundo Burkes (apud RINDGE, 2011, p. 266), dez dos treze textos onde Qohelet faz referência explícita à morte ocorram muito próximos a textos classificados como passagens sobre a “alegria” (*s8imh9a=*). E mais significativo ainda, as sete passagens classificadas como textos de alegria (*s8imh9a=*) ocorrem no contexto imediato a uma referência explícita sobre a morte.

Isso mostra como alegria e morte se relacionam dialeticamente no pensamento do autor. De fato, “as recomendações para usufruir as possessões são um resultado direto de sua percepção da morte como um evento injusto e inevitável que destrói o ser como um todo” (RINDGE, 2011, p. 266).

Essa ideia fica muito clara na argumentação que Qohelet desenvolve no capítulo 9. Nos versos 5 e 6, ele descreve a morte como quinhão inevitável dos “vivos”, onde não há “memória” ou “conhecimento” (v. 5) ou qualquer sentimento que marque a existência humana, tais como “amor, ódio ou inveja” (v. 6). Mas é extremamente significativo que nos versos seguintes o autor faça uma apologia a vida no âmbito pessoal (v. 7,8) (ver Ec 9:7, 8 ARA), familiar (v. 9) (ver Ec 9:9 ARA) e profissional (v. 10a) (ver Ec 9:10 ARA). E a razão é oferecida no fim do verso 10 onde se lê “*porque na sepultura para onde vais não há nem obra, nem plano, nem conhecimento, nem sabedoria*”. Deste modo, por meio dessa dialética, “Qohelet insiste que a reflexão sobre a inevitabilidade da morte é *sine qua non* para uma vida significativa” (RINDGE, 2011 p. 275). Assim, a morte em Eclesiastes é o motor propulsor para a vida. Seu caráter indiscriminatório e inesperado deve agir como motivação para usufruir a vida “debaixo do sol” no seu máximo potencial. Verdadeiramente, “Qohelet é um mestre da persuasão. Seu objetivo final não é humilhar seus oponentes ou meramente ganhar um argumento. Seu objetivo é promover a vida” (GILBERT, 2011, p. 65).

Evidentemente, isso não implica numa visão hedonista da vida. É possível discernir, ao longo da obra, certos marcos que convidam a uma busca controlada pelo prazer, posses ou alegria. Alguns exemplos podem ser citados neste ponto: há uma consciência clara de um dia de prestação de contas a Deus (11:9; 12: 14); um imperativo para a guarda dos mandamentos (8:5; 12:13) está presente; a superioridade da sabedoria é destacada (2:13; 9:16,18); o valor de um bom nome (fama) (7:1) bem como a importância da adequada repreensão são defendidos (7:5). Para Qohelet, a vida deve ser vivida com reflexão (7:2) sempre tendo em mente que a mesma é um dom divino (3:13; 5:19) e, como tal, demanda responsabilidade. Na verdade, no livro “a perspectiva otimista está explicitamente ligada à pessoa de Deus” (GILBERT, 2011, p. 70)

Sendo assim, mesmo que alguém concorde com o absurdo da vida debaixo do sol, “a realidade é que ainda há atitudes e ações que fazem sentido e são

intrinsecamente boas” (GILBERT, 2011, p. 73). Por sua vez, Hengstenberg (apud DAVIS, 1991, p. 318) conclui instrutivamente:

Desde que todas as coisas são fúteis, o homem, que está sujeito à futilidade, deveria fazer de tudo em seu poder para entrar em uma relação viva com Aquele que é o verdadeiro Ser absoluto, e por meio da uma comunhão com Ele para participar em uma verdadeira existência eterna.

Considerações finais

A busca por uma correta compreensão do termo *miqreh* em Eclesiastes 2:14 suscitou um importante tópico abordado por Qohelet em seu livro. Na verdade, o sentido do termo em questão está no que se pode chamar o “epicentro” da crise existencial que o autor está vivendo. A partir do estudo de suas ocorrências, percebeu-se que no contexto de Eclesiastes, *miqreh* é sorte, destino ou o acontecimento final e inevitável que tanto homens quanto animais, bons ou maus, sábios ou tolos terão que enfrentar, a saber, a morte.

166

A visão de morte sustentada pelo autor combina com a concepção bíblica sobre o assunto e o leva a indagar: que lucro há? Vale ressaltar neste ponto que sua reflexão é realizada “debaixo do sol”, e nessa perspectiva a injustiça equalizadora da morte é inescapavelmente real. Na morte não há consciência, projeto ou qualquer tipo de continuidade com os negócios ou projetos não terminados. Porém, Eclesiastes não pode ser considerado um pessimista que espera de alguma forma criar um tipo de desespero existencial que conduza ou a uma vida sem sentido mergulhada no medo da morte ou na loucura hedonista da busca pelo prazer sem limite ou responsabilidade. Pelo contrário, a crise existencial gerada pela percepção da morte iminente visa conduzir o leitor a uma vida digna de ser vivida. Uma vida acima de tudo significativa. Uma vida para ser compartilhada com a família, com os amigos e as pessoas ao redor sem nunca perder de vista sua fonte original, o Criador (12:1).

Portanto, a crise gerada pelo autor nos traz para o presente livrando-nos da prisão do passado e a da armadilha ilusória do futuro. E assim, em face da morte inesperada que marca o fim da vida “debaixo do sol”, Qohelet convida e ao mesmo tempo celebra: viva a vida!

Referências

ABRAMOVITCH, H. Death. In: COHEN, A. A.; FLOHR, P.; MENDES (Eds.). **20th Century Jewish Religious Thought**: original essays on critical concepts, movements, and beliefs. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2009.



ANDREASEN, N. E. Morte: origem, natureza e erradicação final. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

BACCHIOCCHI, S. **Imortalidade ou ressurreição?**: uma abordagem bíblica sobre a natureza humana e o destino eterno. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2007.

BLANK, R. J. **Escatologia da pessoa**: vida, morte e ressurreição (Escatologia I). São Paulo: Paulus, 2004.

CLIFFORD, R. J. **The wisdom literature**. Nashville: Abingdon Press, 1998.

DAVIS, B. C. Ecclesiastes 12:1-8 — Death, as impetus for life. **Bibliotheca Sacra**, v. 148, p. 298-317, 1991.

EATON, M.; CARR, L. **Eclesiastes e cantares**: introdução e comentário. São Paulo: Editora Vida, 1989.

GILBERT, P. Fighting fire with fire: divine nihilism in Ecclesiastes. **Direction**, n. 40, v. 1, p. 65-79, 2011.

GRISANTE, M. A. *hrq*. In: VANGEMEREN, W. **Dictionary of Old Testament Theology & Exegesis**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1997.

HARRIS, R. L.; ARCHER JR, G.; WALTKE, B. K. **Dicionário Internacional de Teologia da Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOLLADAY, W. L. **Lexico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KIRST, N.; KILPP, N.; SCHWANTES, M.; RAYMANN, A.; ZIMMER, R. **Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português**. São Leopoldo: Sinodal, 2011

KIVITZ, E. R. **O livro mais mal-humorado da Bíblia**: a acidez da vida e a sabedoria do Eclesiastes. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

KRÜGER, T. **Qohelet**. Minneapolis: Fortress Press, 2004.

MURPHY, R. E. **Word Biblical Commentary**. Dallas: Words Books, Publisher, 1989. v. 23a.



OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RAD, G. V.; MARTIN, J. D. **Wisdom in Israel**. Valley Forge: SCM Press Ltda., 1972.

RINDGE, M. S. Mortality and Enjoyment: the interplay of death and possessions in Qohelet. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 73, n. 2, p. 265-280, 2011.

SMITH, D. L. The concept of death in Job and Ecclesiastes. **Didaskalia**, p. 2-14, out 1992.

WASSERMAN, A. **Ecclesiastes**. São Paulo: Maayanot, 1998.

WHYBRAY, R. N. **Ecclesiastes**. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans Publ., 1989.